



A LITERATURA INDÍGENA POR ELIANE POTIGUARA

Damiana Pereira de Sousa¹

RESUMO

A presente pesquisa aponta estudos sobre os(as) escritores(as) indígenas, a partir da participação em lives, seminários, diálogos e realização de leituras de obras desses(as) autores(as). Verifica-se que nessas obras há potência política, há engajamento, sendo um dos meios de ruptura com o silenciamento das subjetividades e das vozes indígenas. São instrumentos para a reafirmação da existência e da luta desses povos, com vistas a alertar especialmente sobre o lugar que cada indivíduo ocupa na sociedade. A Literatura Indígena contribui para a autoafirmação das tradições e da cultura indígena, autoafirmação étnica e denúncia de diversos tipos de espoliações, e para o registro da cultura das mais diversas etnias. Nesse sentido, o foco que se apresenta nesta pesquisa é investigar as narrativas dos escritores(as) indígenas, sobretudo as obras de Eliane Potiguara, mulher de escrita potente e que representa a força da palavra escrita por mulheres indígenas. Procura-se compreender como e se a atuação, por meio da produção literária, tem reverberado em conquistas políticas para a luta dos povos indígenas do Brasil. Pesquisa em desenvolvimento de cunho qualitativo, com base na literatura revista acerca dos temas abordados, leitura de obras de Eliane Potiguara, visita a sites, blogs e páginas que apresentam informações sobre a temática.

Palavras-chave: Geografia, Literatura, Literatura Indígena, Escrita de Eliane Potiguara.

ABSTRACT

Cette recherche renvoie à des études sur les écrivains autochtones. De la participation à des lives, séminaires, dialogues et lectures d'œuvres de ces auteurs. On vérifie que dans ces œuvres il y a du pouvoir politique, il y a l'engagement, étant l'un des moyens de rupture avec le silence des subjectivités et des voix indigènes. Autrement dit, c'est un instrument de réaffirmation de l'existence et de la lutte de ces peuples, visant avant tout à alerter sur la place que chaque individu occupe dans la société. La littérature indigène contribue à l'affirmation de soi des traditions et de la culture indigènes, à l'affirmation de soi ethnique en dénonçant différents types de dépossession et en enregistrant la culture des groupes ethniques les plus divers. En ce sens, l'objectif de cette recherche est d'enquêter sur les récits d'écrivains autochtones, en particulier les œuvres d'Eliane Potiguara, une femme puissamment écrite qui représente la force de la parole écrite par les femmes autochtones. Il cherche à comprendre comment et si la performance, à travers la production littéraire, s'est répercutée sur les réalisations politiques pour la lutte des peuples autochtones au Brésil. Recherche en cours de développement à caractère qualitatif, élaborée à partir d'une littérature révisée sur les thèmes abordés, lecture d'ouvrages d'Eliane Potiguara, visite de sites internet, blogs et pages présentant des informations sur le sujet.

Mots-clés: Géographie, Littérature, Littérature Autochtone, Acte d'Eliane Potiguara.

¹ Doutoranda em Geografia, da Universidade Federal de Goiás (UFG), damiana.ufg@gmail.com



INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aponta estudos sobre os(as) escritores(as) indígenas – a partir da participação em lives, seminários, diálogos e realização de leituras de obras desses(as) autores(as). Verifica-se que nessas obras há potência política, há engajamento, sendo um dos meios de ruptura com o silenciamento das subjetividades e das vozes indígenas. São instrumentos para a reafirmação da existência e da luta desses povos, com vistas a alertar especialmente sobre o lugar que cada indivíduo ocupa na sociedade.

A Literatura Indígena contribui para a autoafirmação das tradições e da cultura indígena, autoafirmação étnica de denúncia de diversos tipos de espoliações e de registro da cultura das mais diversas etnias. Esta pesquisa qualitativa desenvolve-se com base na literatura revista acerca dos temas anunciados, leitura de obras dos autores(as) mencionados(as), visita a sites, blogs e páginas que apresentam informações e dados sobre a temática. Além da participação em seminários e leitura de entrevistas com os expoentes da Literatura Indígena brasileira contemporânea.

Conforme Chaveiro (2015), Lima (2016), Graúna (2003), entre outros, constata-se a relevância de pesquisas geográficas sob a mediação ativa da Literatura. Observou-se também que compõem essa vertente trabalhos com as populações indígenas. Estudos recentes desses autores revelam as possibilidades da aproximação entre Geografia e Literatura. Tais estudos apontam que essa aproximação ocorre justamente no quesito da densa relação entre vida e espaço e, através do diálogo, podem promover um aprofundamento das interpretações da realidade.

Destaca-se a importância da pesquisa referente aos povos indígenas como instrumento de luta pelas suas causas, que nos leva a visibilizar as situações que esses povos viveram no decorrer do tempo histórico e ainda vivem. A construção da história dessas gentes é marcada por sangue... Enfrentaram e enfrentam interesses econômicos que, muitas vezes, não evidenciam a dignidade humana dos povos indígenas. Necessário se faz, então, centralizar estudos sobre os indígenas, com o intuito de contribuir para a modificação dessa realidade, contribuir para o fim das injustiças contra esses povos.

Nessa conjuntura, observa-se um fenômeno que ganhou destaque no Brasil, sobretudo nas últimas duas décadas: o surgimento de escritores indígenas individuais, a



grande maioria formada por sujeitos que saíram de suas aldeias e migraram para as grandes metrópoles; isto é, são indígenas desaldeados. Dentre esses(as) autores(as) destaca-se Eliane Potiguara, pois a condição de mulher indígena que usa a escrita como instrumento de luta em favor dos direitos de seu povo coloca a autora em posição de singularidade no contexto da literatura brasileira.

Segundo Lima (2016), é necessário aumentar os referenciais de estudos geográficos que abordem a especificidade da produção literária realizada por escritores(as) indígenas. Desse modo, objetiva-se com a pesquisa investigar como uma escritora indígena, mulher, migrante, usa a escrita para defender as lutas indígenas em prol da natureza. Pretende-se também demonstrar como a literatura produzida por uma escritora indígena pode contribuir para as lutas de gênero dentro e fora do mundo indígena.

Devem-se apontar algumas hipóteses para as questões levantadas: se a Literatura Indígena está reverberando em conquistas para esses povos, afirmamos positivamente, pois autores(as) como Eliane Potiguara, Julie Dorrico, Márcia Kambeba, Célia Xakriabá, Daniel Munduruku, Ailton Krenak, Kaká Werá, entre outros, usam da escrita com o objetivo de manter vivas suas tradições, seus costumes, suas crenças, seus mitos. São autores(as) militantes. Potiguara, inclusive, volta seus escritos para três temas centrais: a mulher, a terra e a ancestralidade. Destaca as mulheres, sobretudo as mulheres indígenas, para que estas enxerguem seu lugar na sociedade e lutem pelos seus direitos. Portanto, conclui-se que os livros abrem portas para esses autores e essas autoras escreverem sobre seu povo, reafirmarem suas identidades e criticarem a sociedade dominante que tenta, até hoje, invisibilizá-los(las).

É importante salientar que nesta pesquisa, até o presente momento, entende-se por Literatura Indígena o movimento de escritores(as) indígenas que, a partir da década de 1990, eclodiu, tendo ligação étnica com diversas comunidades indígenas do Brasil, e que, ao se apropriarem do dispositivo da escrita, juntam ação esculturística com defesa étnica, colocando como conteúdo e estilo a cosmovisão de seu povo.

É pertinente ressaltar que as pesquisas e interpretações geoliterárias feitas pela literatura construída por povos indígenas elencam duas dimensões espaciais que são diferenciadas, mas que se juntam: o espaço romanesco e o espaço geográfico. O espaço



geográfico diz respeito ao território das aldeias, dos povos, às relações de poder e também aos elementos imaginários e simbólicos de sua cultura, de seu modo de vida e de sua língua. O espaço ficcional é o modo como a narrativa reinventa a partir do espaço geográfico as imagens, o enredo, as situações. A leitura geoliterária do espaço romanesco, ou seja, as histórias desenvolvidas por escritores(as) indígenas ajudam a metaforizar o real do espaço geográfico e, na metaforização, abrem um flanco para ver as pressões que incidem sobre os territórios indígenas, sobre suas línguas, sobre seus corpos.

Há duas dimensões temporais também: o tempo em que a ficção se baseia e o tempo dos povos indígenas que são tratados na ficção. A partir desses dois tempos há uma terceira temporalidade: o tempo em que os escritores e escritoras indígenas escrevem suas histórias, municidas pelas metrópoles, pelo processo de escolarização, inclusive, pelos intercâmbios com escritores, cânones literários, e com outras formas de literatura, como a literatura decolonial, por exemplo.

Para alcançar os objetivos propostos, busca-se com a pesquisa abordar a produção literária indígena no Brasil em contexto amplo e focar as análises na trajetória e obra da escritora indígena Eliane Potiguara

METODOLOGIA

Pesquisa qualitativa baseada no levantamento bibliográfico e de fonte de dados acerca dos temas já anunciados. Pensando que o exercício científico só pode ser feito através de um método de interpretação, Gil (2008) refere que o método dialético pode ser entendido como método de interpretação da realidade, ou seja, a dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade. Sendo assim, esse método possibilita compreender a amplitude das produções literárias desenvolvidas pelos escritores(as) indígenas. A reflexão teórica desenvolvida possibilita analisar como a autora Eliane Potiguara está utilizando a caneta em prol da luta de seu povo – as mulheres indígenas – e das mulheres não indígenas.

O embasamento teórico-metodológico a ser construído para o entendimento analítico do objeto da pesquisa caminha no sentido de que se compreenda de forma ampla como as representações de Terra são apresentadas nas obras dos escritores indígenas, sobretudo nas obras de Eliane Potiguara.



Prioriza-se a revisão bibliográfica física e virtual com relevância para o tema da pesquisa. Buscar-se-á localizar monografias, artigos de revistas, dissertações e teses, blogs, sites, entrevistas em revistas, documentários e materiais diversos com conteúdos tanto na forma física como em vídeos publicados em canais do Youtube, visando à abordagem empírica da obra e trajetória da escritora indígena Eliane Potiguara, que norteia todo o estudo acerca do problema em questão.

Da literatura revista no que diz respeito à Literatura Indígena, dar-se-á atenção especial a autores como Almeida (2004), Lima (2016), Lima (2013), Graúna (2003), Escalante (2015), entre outros.

Para apreensão dos processos históricos e relacionais com o requinte de detalhes que se faz necessário para uma compreensão coerente do objeto de estudo, realiza-se um levantamento de documentos. Tais documentos possibilitam a compreensão do cenário atual dos povos indígenas no Brasil. São estes os documentos que estão sendo analisados: Relatórios da FUNAI, Relatórios da Missão no Brasil e Relatórios do Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Esses órgãos sempre atualizam a situação dos povos indígenas: fornecem histórico de relatórios de violências, quadro de terras e demarcações de Terras Indígenas (TIs).

O objetivo é conhecer a origem dos estudos sobre Literatura Indígena, com o fim de verificar como os sujeitos indígenas foram utilizando a escrita para contar e recontar suas histórias e como a palavra pode ter força política. Nesse contexto, espera-se que sejam realizadas entrevistas com intelectuais que tratam da temática: a professora e escritora indígena Eliane Potiguara, foco da pesquisa, a professora Dra. Angelita Pereira de Lima, a professora Dra. Sélvia Carneiro de Lima e a professora Dra. Maria Geralda de Almeida.

Com o objetivo de colher percepções de estudiosos da temática sobre as representações do conceito de Terra na perspectiva da Literatura indígena, pretende-se utilizar do recurso metodológico da análise de discurso.

Com o intuito de realizar análise e interpretação das narrativas literárias indígenas, sobretudo da obra *A Cura da Terra* (2015), de Eliane Potiguara, será utilizada a análise contextual de Berdoulay (2003). E, por fim, pretende-se realizar a análise e interpretação das informações coletadas, objetivando melhor compreensão dos fatos estudados.



REFERENCIAL TEÓRICO

Dos aportes teóricos no que diz respeito à Literatura Indígena, a pesquisa baseia-se em autores como Almeida (2009), Graúna (2003), Lima (2016), Chaveiro (2007, 2015), Potiguara (2004, 2015), Munduruku (2008), Lima (2013), Jekupé (2009), Krenak (2019, 2020), Dorrico (2019), Kambeba (2018), entre outros.

Lima (2016) aponta que os escritores indígenas

representam e expressam o movimento de sujeitos indígenas ao usar o expediente literário para demonstrar a importância da cosmologia de seu povo, para defender o modo como os povos indígenas brasileiros, em suas diferenças, tecem as suas visões de natureza, de espaço e de vida.

A autora reitera que a literatura feita por escritores indígenas serve para mostrar os processos de dominação sofridos e toda forma de violência, e é uma maneira também de mostrar a fecundidade e a força das cosmologias indígenas. Destaca ainda que em alguns autores indígenas a pretensão é participar e compartilhar com outros campos culturais o que ocorre nas aldeias.

Conforme a autora, as pinturas corporais, a arte plumária, os rituais, os cânticos, as danças, as festas, a relação com os animais, com a floresta e com os rios entram em cenas literárias para afirmarem a identidade e mostrarem sua riqueza cultural, além de sua potência de vida. Afirma que cada escritor indígena é permeado por uma multiplicidade de marcas culturais, histórico-temporais, que são de alguma forma reverberadas nas ideias de suas obras. Assim, não é possível desassociar autor e obra do contexto social, político, histórico e geográfico.

Compreende-se que a escritura de autoria indígena é marcada pelo tempo e espaço em que esses sujeitos estão inseridos. A trajetória das aldeias para as grandes cidades e destas para o mundo interfere nos resultados das escolhas da produção escrita. E esse movimento aldeia-cidade-mundo ocorre de forma dialética, pois segundo a autora (Lima, 2016) os caminhos que a produção toma, após se dissociar dos dedos dos autores, modificam mais uma vez a trajetória dos escritores.

As reflexões ensejadas por Costa (2020) revelam que a palavra poética é uma arma de luta empunhada pela guerreira Potiguara para a transformação do mundo, visando eliminar as injustiças e promover a união e a paz entre todos os povos.



Potiguara (2004) salienta que as situações vivenciadas pelos povos indígenas do Brasil não têm visibilidade, assim como a situação das mulheres indígenas que sofrem abuso, assédio, violência sexual, que se tornam objeto de tráfico nas mãos daqueles que a autora chama de avaros e degradados nacionais e internacionais. E tais violências contra as mulheres indígenas sequer são mencionadas ou divulgadas nos meios de comunicação. É essa a pauta levantada pela autora.

Observa-se que a poética de Eliane Potiguara é, praticamente, um grito poético por justiça, por reconhecimento e valor para seu povo. Sua produção literária é composta pelas seguintes obras: *A Terra é a Mãe do Índio* (1989); *Akajutibiró: Terra do Índio Potiguara* (1994); *Metade Cara, Metade Máscara* (2004); *Sol do Pensamento* (2005); *O Coco que Guardava a Noite* (2012); *O Pássaro Encantado* (2015); e *A Cura da Terra* (2015). Atualmente, a autora revelou que está trabalhando em dois livros, um de poemas e outro de contos e crônicas. Entre suas obras, deve-se destacar *Metade Cara, Metade Máscara*, a qual é considerada o “carro-chefe” de sua produção literária, pois, segundo Costa (2020), a obra é um monumento à transgressão estética e literária, de difícil categorização diante da mescla de diferentes gêneros literários, sendo alvo de estudos acadêmicos inclusive fora do Brasil.

Este projeto propõe realizar uma pesquisa sobre a obra dessa escritora indígena brasileira, em especial sobre o livro *A Cura da Terra* (2015). Nele, a autora conta a história de Moína, uma indiazinha de oito anos que, como toda criança, adora se aconchegar nos braços da avó para ouvir suas histórias.

A autora conta, de forma sensível, a história dessas personagens, que refletem sobre o presente e o passado e aprendem a olhar com otimismo para o futuro. Na trama, Moína ouve uma história contada por sua avó e conhece o passado de seu povo. Conhece a desagregação social e as feridas emocionais causadas pelas invasões aos territórios indígenas.

A avó de Moína descreve como foi a colonização pelos estrangeiros, que mais queriam lucro, dominaram os antigos guerreiros indígenas e os tornaram escravos. Com os colonizadores vieram os vícios, a maldade, a cobiça, a competição e o egoísmo, trazendo muito sofrimento e divisão para as famílias. Mas a avó revela também um ensinamento precioso: a cura da terra.



Nesse sentido, foi pensando na missão que todos os seres humanos têm de preservar o planeta Terra que Eliane Potiguara escreveu sua obra.

Minha aldeia é meu coração. E do topo dela vejo o mundo com o olhar mais solidário que nunca. É com esta mentalidade que escrevi este precioso livro, pensando no futuro de todas as crianças indígenas do país. Que possamos amar e preservar o planeta.

O livro carrega a força da ancestralidade e o poder da sabedoria feminina com o legado da avó para a neta. A lição contém o segredo da sabedoria dos ancestrais para o manejo sustentável e para a proteção da biodiversidade.

Costa (2020), ao estudar a obra *Metade Cara, Metade Máscara* (2004), enfatiza a abordagem de Potiguara sobre a questão da diáspora indígena, do ponto de vista coletivo e individual, a partir da experiência de sua família. A autora ressalta que na respectiva obra Potiguara traz uma narrativa poética entremeada por relatos, artigos e ensaios a respeito dos povos indígenas, de sua luta pela sobrevivência ao longo da história do Brasil.

A autora reforça que, além da questão estrutural e poética, a obra tem um caráter pessoal, isto é, a escrita da autora indígena foca a luta das mulheres e dos povos indígenas, a saga poética do casal Cunhataí e Jurupiranga, o sofrimento e a solidão das mulheres e a violência praticada contra as comunidades indígenas. A obra, conforme Costa, revela uma escrita de ruptura, em que o feminino se estabelece como resistência, tanto na temática quanto na materialização do texto literário.

Eliane Potiguara nos oferece uma literatura combativa, complexa e visionária calcada em uma cosmovisão étnica. É um texto que condensa a complexidade de uma narradora atravessada pelas múltiplas identidades e pelos conflitos violentos diante de uma realidade brutal, materializada no cotidiano de lutas travadas pelo Movimento Indígena. Destacam-se a Terra, a Mulher e a Identidade como os temas centrais da obra de Eliane Potiguara.

Esses pressupostos constituem a porta de entrada para o entendimento da questão indígena e do processo de destruição da terra e suas implicações e transformações na cultura e na vida dos povos indígenas do Brasil.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa faz parte do projeto de doutorado da presente autora; encontra-se portanto em andamento. Contudo, com base nas pesquisas já realizadas, podem-se apontar como resultados a relevância da Literatura Indígena para as causas desses povos em defesa da terra, e de Eliane Potiguara, especificamente, em prol das pautas de gênero.

Esse movimento literário, conforme Lima (2016), surge primeiro nas aldeias, com a autoria coletiva, a partir da educação escolar indígena, direito assegurado na Constituição Federal de 1988 graças à luta de lideranças indígenas brasileiras. A autoria individual ganha fôlego com as publicações de Daniel Munduruku, Kaká Werá e Eliane Potiguara, ou seja, são autores pioneiros, idealizadores desse movimento literário.

Na poética da autora, é possível sentir o grito poético, a angústia, o sofrimento, o choro, a dor, a revolta, a indignação e o desespero das mulheres e homens indígenas desaldeados(as), desterritorializados(as), e as feridas emocionais provocadas por séculos de violência e massacre. Logo, a luta de Eliane Potiguara constitui ato eminentemente político. Costa (2020) reitera que, assim como a escrita de intelectuais negras, publicar, para Potiguara, é um ato político. Nessa perspectiva, a literatura antecipa acontecimentos históricos e políticos.

Demonstrou-se que essa literatura tem reverberado, sim, em conquistas para esses povos, que, embora pressionados e precarizados em seus modos de vida, agem, lutam e escrevem. Povos que sofreram e sofrem violências sobre suas terras e territórios, além da violência simbólica e cultural (epistemicídio), em que se observa uma das maiores atrocidades: o extermínio de suas línguas.

A poética de Potiguara dá voz aos povos indígenas, pois se reconhece desterritorializada e luta pelos direitos de sua gente, pelo direito às terras que lhes foram expropriadas. Em sua obra *Metade Cara, Metade Máscara* (2004), Potiguara destaca esse processo de violência e racismo que provocou a diáspora indígena de suas áreas tradicionais. Observa-se que a escrita potente da autora centraliza situações às quais as populações indígenas são expostas e destaca a urgência em formas de visibilização das mulheres indígenas. Os sentimentos dessas mulheres, suas angústias, solidão, silenciamento, aviltamento, inferiorização, violência são retratados na poética da



guerreira Potiguara, que é, praticamente, um grito de desespero poético por justiça histórica, social e ambiental para as populações indígenas do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por se tratar de uma pesquisa em andamento, é necessário ressaltar apenas algumas conclusões já formuladas, conforme as pesquisas já realizadas. Na revisão da literatura, observa-se que a temática ainda é pouco abordada; no entanto, destaca-se o crescimento do número de autores e autoras indígenas, que buscam, por meio da Literatura Indígena, usar da caneta para divulgar sua cultura, para lutar por suas causas, para se autoafirmar como povo e, principalmente, para ser resistência.

Destaca-se, ainda, que o surgimento da Literatura Indígena é recente em um panorama nacional. Emerge em meados da década de 1980... mas vem se expandindo e mais escritores e escritoras indígenas vão surgindo – o que evidencia não só a força criativa desses povos, mas também suas habilidades de se apropriar de elementos culturalmente característicos de outros grupos, para benefício próprio. O benefício direto a que se faz referência é a utilização da linguagem escrita como meio de comunicação com a parcela da sociedade não indígena.

Segundo o escritor indígena Olívio Jekupé (2009), o uso da história oral pelos indígenas sempre foi importante; no entanto, com a escrita eles podem ser mais fortes, pois através dela podem registrar suas histórias, fazendo com que não se percam no tempo, que fiquem inscritas para sempre. O autor ressaltava ainda que a figura do contador de história, que é tão importante para a cultura indígena, não deixará de existir com a escrita, apenas ganhará maior destaque, pois será uma fonte direta das narrativas que alimentarão a Literatura Indígena.

Conclui-se que a literatura produzida por Eliane Potiguara, assim como a de todos os autores e autoras indígenas, é mais uma forma que os povos indígenas do Brasil encontraram para resistir, para manter vivas suas culturas, suas tradições, seus ritos, suas línguas. Além disso, expressam a importância de amarmos, preservarmos e respeitarmos a mãe Terra, pois é dela que recebemos a vida e a capacidade de viver.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Inês de. Livros da floresta. In: ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia. *Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.
- BERDOULAY, Vincent. A abordagem contextual. *Espaço e Cultura*, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), n. 16, p. 47-56, jul./dez. 2003.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. A dança da natureza e a ruína da alma: geografia e literatura, uma leitura possível. *Revista Ateliê Geográfico*, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 174-186, dez. 2007.
- _____. Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos. *Geograficidade*, v. 5, n. 1, 2015.
- COSTA, Helene Rosa da. *Identidades e ancestralidades das mulheres indígenas na poética de Eliane Potiguara*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, 2020.
- DORRICO, Julie. *Eu sou macuxi e outras histórias*. Belo Horizonte: Editora Caos e Letras, 2019.
- ESCALANTE, Emilio Del Valle. *Teorizando las literaturas indígenas contemporáneas*. North Carolina: A Contra Corriente Editorial, 2015.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2008.
- GRAÚNA, Maria das Graças Ferreira. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2003.
- JEKUPÉ, Olívio. *Literatura escrita pelos povos indígenas*. São Paulo: Scortecci, 2009.
- KAMBEBA, Márcia Wayna. *Ay kakyri tama (Eu moro na cidade)*. 2. ed. São Paulo: Pólen, 2018.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- _____. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LIMA, Angelita Pereira de. *Romancidade: sujeito e existência em leituras geográfico-literárias nos romances A Centopeia de Neon e Os Cordeiros do Abismo*. Tese



(Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2013.

LIMA, Sélvia Carneiro de. *Escritores indígenas e produção literária no Brasil: sujeitos em movimento*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2016.

MUNDURUKU, Daniel. *Literatura Indígena e o tênue fio entre escrita e oralidade*, 2008. Disponível em: www.overmundo.com.br/overblog/literatura-indigena. Acesso em: 08 ago. 2021.

POTIGUARA, Eliane. *A terra é a mãe do índio*. Rio de Janeiro: Grupo Mulher-Educação Indígena (GRUMIN), 1989.

_____. *Akajutibiró: terra do índio potiguara*. Rio de Janeiro: GRUMIN, 1994.

_____. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global Editora, 2004.

_____. *O coco que guardava a noite*. Rio de Janeiro: Mundo Mirim, 2012.

_____. *A cura da Terra*. São Paulo: Editora do Brasil, 2015.

_____. *Sol do pensamento*. E-book, 2015.

_____. *O pássaro encantado*. São Paulo: Jujuba Editora, 2015.